

## A Emergência do Tradicionalismo no século XXI: anotações sobre ascensão do neoconservadorismo e crise avançada do paradigma da Modernidade

*The Emergence of Traditionalism in 21st Century: notes on the rise of  
neoconservatism and the advanced crisis of modernity paradigm*

**Andréa Almeida de Moura Estevão**

É jornalista e doutoranda do PPGCOM/UFRJ. Pesquisa ativismo no Carnaval de Rua.

### RESUMO

O livro *Guerra pela Eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, do etnomusicólogo Benjamin R. Teitelbaum, nos fornece informações importantes sobre o ideário que alicerça a emergência do neoconservadorismo no mundo. Acompanhar os imaginários que a escola filosófica e espiritual Tradicionalista projeta, e o modo como seus novos seguidores a articulam, nos defrontam com rompimentos e transformações profundas de ordem geopolítica, ideológica e epistemológica.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Tradicionalismo; Modernidade; Geopolítica;*

O livro de Benjamin Teitelbaum vem lançar luz sobre o momento político que estamos vivendo. Quem, diante dos acontecimentos políticos, nacionais e internacionais, dos últimos cinco anos não se sente perplexo e, ao mesmo tempo, à mercê de uma lógica estranha, uma onda de retrocesso, com pitadas de *nonsense* e uma sensação de estar vivendo num *game* onde afecções como o medo, a raiva, o ódio, a total insegurança se repetem num *looping* acelerado?

Toda essa situação de incessante turbulência, de cansaço mental, de destruição de tudo o que considerávamos como balizas institucionais e racionais se esboroa diante de nossos olhos. A sensação é de caos instalado, de pesadelo impossível de despertar. Mas o que parece absurdo e sem nexos, dá notícias de que os paradigmas explicativos habituais falham e, ao mesmo tempo, um sistema de ideias desconcertantes projeta um novo mundo. Esse ideário, entretanto, não é

novo, encontrou sintonia, outrora, nos regimes fascistas e nazistas, do início do século XX, mas não se confunde, nem se reduz às ideologias desses movimentos. Embora a aparição do Tradicionalismo e seu ideário anti-modernista nos cause surpresa, Mark Sedgwick, estudioso da história da doutrina, nos adverte que:

No entanto, é possível que muito disso não seja tão novo quanto parece. [...] Os valores do Iluminismo vêm sendo questionados desde que foram propostos pela primeira vez, e o liberalismo sempre teve seus adversários. O que parece ter acontecido é que durante muitas décadas, a resistência ao liberalismo e aos valores do Iluminismo foi ignorada. [...] o domínio absoluto do consenso liberal-iluminista, aparentemente acabou. Como resultado, o Tradicionalismo, já não é marginal; ao contrário, está se transformando cada vez mais em vanguarda. (2020, pag. 15-16)

O livro de Teitelbaum apresenta algumas peças-chave para a compreensão da conjuntura política global atual. Principalmente no que diz respeito à matriz ideológica que a alicerça, os imaginários que essa ideologia aciona e as paixões que mobiliza, não apenas através dos discursos, mas das ações empreendidas em vários governos ultra-conservadores, como o do ex Presidente Donald Trump, nos EUA, o Primeiro Ministro Viktor Mihály Orbán, da Hungria e o do atual Presidente Jair Bolsonaro, no Brasil.

O que há de novo é a presença de Tradicionalistas em posições políticas estratégicas, a habilidade articulatória desses personagens e a particular sinergia que essas lideranças promovem entre nacionalismo, populismo e Tradicionalismo, numa conjuntura que Teitelbaum qualifica como de grande potencial explosivo e transformador.

Acompanhar as suas atividades é envolvente, mas também assustador, pois raramente testemunhamos uma visão de mundo tão excêntrica e incendiária infundir o pensamento de atores políticos tão poderosos e inspirar uma

reinterpretação tão radical da geopolítica, da história e da humanidade. (Teitelbaum, 2020, pag. 26)

O Tradicionalismo se estrutura contra três eixos básicos: a Modernidade, o Materialismo e o Iluminismo. Todas as instituições e valores ligados à modernidade são colocados sob suspeita e combatidos de forma veemente: democracia, liberalismo, secularismo, conhecimento científico. Para entender essa escola filosófica e espiritual, e o movimento inspirado nesse ideário desenvolvido no início do século XX, e frequentemente associado a dois de seus principais pensadores, René Guénon e Julius Evola, é importante considerar dois aspectos: sua concepção específica de tempo e de sociedade. Para o Tradicionalismo, que nasceu no ambiente ocultista, na França do final do século XIX, e associava princípios e referências de várias religiões principalmente da filosofia Hindu e do Islamismo Sufi, o tempo é cíclico e compreende 4 ciclos. Esse ciclo se sucedem e se repetem por toda a eternidade, sem qualquer possibilidade progresso. O Tradicionalismo é fatalista, pessimista. Sua aposta é no atemporal e no transcendente.

A era de ouro é a governada pelos sacerdotes, em que são valorizadas as virtudes devocionais e se institui uma Teocracia. A era de prata é a governada pelos guerreiros, casta cujos valores e modos de agir e estruturar a vida social está baseado na honra. A idade de bronze é governada pelos comerciantes, pelo grupo social detentor das riquezas. Essa casta é considerada materialista, portanto, menos nobre. E a quarta era, *Kali Yuga*, é considerada a era sombria, por ser estruturada e governada pela massa, ligada, segundo os Tradicionalistas, aos mais baixos valores materiais como os prazeres do corpo. Há várias interpretações a respeito do tempo de duração de cada ciclo e critérios para avaliação do momento em que a humanidade estaria vivendo. Nesse sentido, há unanimidade, entre os Tradicionalistas, de que estaríamos vivendo a era das sombras.

Há um esforço por parte de René Guénon em pensar sobre como agir durante o ciclo em que se está vivendo, se é possível intervir no processo de decadência e destruição de tudo o que estrutura a era sombria. Mas é Julius Evola quem vai investir na elaboração de formas de aplicação política da doutrina Tradicionalista interferindo no processo dinâmico dos ciclos. Segundo Sedgwick (2020, pag. 184-204) Evola viu, primeiro, no fascismo de Mussolini e, depois, no regime Nazista de Hitler, oportunidades para a realização de intervenções necessárias no sentido de justificar o racialismo, por exemplo, tratando a questão da raça pela via espiritual – a ideia mítica de raça ariana também figura no sistema de pensamento de Evola. Mas as aproximações foram malfadadas: “[...] o Mussolini dos últimos tempos não estava interessado em ideologias, e Hitler era seu próprio ideólogo; nenhum dos dois ou seus regimes precisavam de Evola.” (idem, pag. 203). Além da hierarquia de castas ilustrada na dinâmica dos ciclos temporais, Evola também vislumbrava padrões hierárquicos em que os homens eram considerados superiores em relação às mulheres, a população que vinha do norte era melhor do que a que vinha do sul.

A escola Tradicionalista sempre reuniu poucos adeptos, em grupos de estudo, e em sociedades iniciáticas secretas, mas sua importância, principalmente pela sua relação com a Filosofia Perennialista, escola que busca os fundamentos em comum das religiões primitivas, sempre foi referência para intelectuais de direita. O Tradicionalismo influenciou tanto a política tradicional quanto a revolucionária da Europa, além de ser referência de destaque para os estudos norte-americanos sobre religião, conforme nos esclarece Sedgwick. Mircea Eliade, Ralph Waldo Emerson, Aldous Huxley alguns artistas dadaístas e surrealistas são personagens com ligações com o Tradicionalismo.

O autor, Benjamin Teitelbaum, um etnomusicólogo especializado em extrema direita contemporânea, nos esclarece que o que motivou a pesquisar sobre o tema foi justamente a perplexidade diante dos fortes indícios de que um homem com a

posição de influência mundial de Steve Bannon fosse um Tradicionalista. Ao longo dos capítulos, Benjamin Teitelbaum vai revelando as redes, os eventos, as formas de divulgação dessas ideias. Ideias, pessoas, movimentos articulatórios que foram tecendo de forma relativamente despercebida, e simultânea, em vários lugares do mundo, uma rede.

Para rastrear a influência do Tradicionalismo no contexto contemporâneo, Teitelbaum nos conta sobre o nascimento e desenvolvimento da editora Arktos, responsável pela publicação de textos e autores tradicionalistas, sobre os Congressos de Identidade que ocorrem periodicamente em cidades como Estocolmo, reunindo expoentes do movimento. Além de observar esses círculos, ele entrevista os três principais articuladores do movimento que, coincidentemente, ocupam a mesma posição – a de ideólogo, de conselheiro: Steve Bannon, em relação ao ex-presidente Donald Trump; Aleksandr Dugin, em relação a Vladimir Putin e Olavo de Carvalho, em relação ao presidente Jair Bolsonaro.

Embora essas três figuras, hoje, emblemáticas do cenário internacional sejam apresentadas em sua trajetória pessoal, intelectual e espiritual, no esforço de reconstruir as veredas que os conduziram ao Tradicionalismo, Bannon é o personagem principal do livro. O surpreendente acesso que Teitelbaum consegue junto a Bannon, viabilizando uma série de entrevistas, e participando de jantares e outros eventos como convidado, faz com que ele mesmo se pergunte sobre quais seriam os interesses do ideólogo ao contribuir com tamanha solicitude para sua pesquisa: construção da imagem de um homem comprometido com valores do espírito? Oportunidade de dar visibilidade a essa doutrina e a sua própria figura, via testemunha legitimada socialmente, do cientista social?

Essas questões merecem ser consideradas na medida em que Bannon, não apenas é um estrategista inteligente e bem-sucedido, com experiência em várias frentes, seja como proprietário de empresa de comunicação - a Breitbart, canal

importante de difusão do ideário da extrema direita -, como também alguém que defende e faz uso da prática denominada de “metapolítica”, recurso que, segundo o próprio Bannon, permite que ideias sejam difundidas de forma sutil, via produtos culturais.

No prólogo, Teitelbaum apresenta a narrativa de um encontro ultra-secreto e surpreendente entre Steve Banon e Aleksandr Dugin, conselheiro do governo de Putin. O encontro parte do reconhecimento recíproco da vinculação de ambos ao Tradicionalismo. O encontro teria acontecido em Roma, em novembro de 2018, e o propósito seria a aproximação para uma possível aliança entre Estados Unidos e Rússia, como estratégia para enfraquecimento do poder da China, embora Aleksandr Dugin tenha ligações com o Partido Comunista Chinês, e Bannon, aparentemente, tenha ligação com expoentes da economia chinesa, dissidentes do *status quo* político chinês, conforme nos informa Teitelbaum. Por outro lado, se considerarmos a participação em acontecimentos políticos recentes e se acompanharmos a produção intelectual de Dugin, cuja ênfase recai sobre questões de geopolítica e defesa do Eurasianismo, faz todo o sentido a aproximação entre esses dois estrategistas, como os dados apresentados por Teitelbaum nos permitem vislumbrar.

O encontro improvável e praticamente inimaginável a partir das bases históricas de compreensão da relação entre esses dois países, aponta para a importância de se compreender o despontar do que parece ser uma nova ordem, que emerge, catalisada pelos preceitos do Tradicionalismo e aliada ao *modus operandi* populista de extrema direita, cujas principais bandeiras são a postura anti-modernista, a legitimação de preceitos religiosos, a negação da ciência e das instituições comprometidas com valores laicos e os princípios democráticos.

O Tradicionalismo, em seus próprios termos, afirma e valoriza a ideia de hierarquia social, de superioridade de raça, de pureza, de transcendência, da

superioridade do homem em relação à mulher, condena o materialismo e o liberalismo, identificando, nesses últimos, a responsabilidade do processo de decadência no qual a humanidade se encontraria, na medida em que a democracia liberal, tanto quanto, o comunismo – inimigo recorrente – dariam espaço para a casta sombria, a massa - expressão dramática da decadência.

Teitelbaum afirma que embora o livro tenha se beneficiado da sua formação de etnomusicólogo, o trabalho não se situa na dimensão acadêmica da antropologia, devido à urgência dos acontecimentos e da necessidade de publicar o que sabia. O livro, portanto, ficaria num formato que conjuga aspectos do jornalismo investigativo e da etnografia. Ao mencionar o aspecto etnográfico do livro, Teitelbaum esclarece sobre sua postura em relação aos acontecimentos, relatos e personagens. Destaca que normalmente a etnografia é uma metodologia usada para estudar sujeitos em condição de marginalidade, e que ele vai utilizá-la para estudar grupos de elite. A implicação do método, portanto, é que ela não se presta para críticas apaixonadas, mas para compreender e interpretar o modo como os sujeitos da pesquisa veem o mundo.

Ele esclarece, ainda, sobre sua postura diante do tema e dos personagens da pesquisa, postura que viabiliza que ele circule pelos ambientes e mantenha os informantes. Mas ele nos conta que seu interesse e dedicação em pesquisar a extrema direita geram desconfiança entre amigos e profissionais com quem convive.

Teitelbaum também explica sobre como elabora alguns capítulos em que narra acontecimentos aos quais não esteve presente. O próprio prólogo, onde tomamos conhecimento do encontro secreto entre Dugin e Bannon; o capítulo em que reconstrói uma breve biografia de formação intelectual/espiritual de Steve Bannon; o capítulo 4, em que apresenta uma breve biografia de Aleksandr Dugin; o capítulo 8, onde conta sobre nascimento da editora Arktos; o capítulo 10, em que

apresenta o processo de iniciação de Olavo de Carvalho e o capítulo 12, onde detalha o encontro entre Dugin e Bannon, em novembro de 2018, em Roma.

As informações biográficas de Bannon nos dão noção da inteligência estrategista e determinação dele, e seu percurso como homem da comunicação, como empreendedor no ramo de produtos cinematográficos, bem como empresário de mineração de dados e comunicação estratégica para processos eleitorais, a famosa Cambridge Analytica, cujas atuações levaram a mudanças significativas nos destinos locais e no cenário político mundial, como, por exemplo, como nos episódios do Brexit e campanha que elegeu Donald Trump. Ficamos sabendo ainda que Bannon teve passagem pelas forças armadas norte-americanas, quando jovem, e que atuou em instituições do mercado financeiro, sempre em posições de liderança.

Ao longo do livro, conforme apresenta as articulações políticas em torno do Tradicionalismo e da viabilização da eleição de lideranças do espectro da direita, Teitelbaum marca incongruências e incompatibilidades das ações políticas populistas de direita em relação à doutrina filosófica. Ele confronta a visão clássica que o Tradicionalismo apresenta sobre seus preceitos, com as adaptações inusitadas que Bannon vai lhe apresentando no decorrer da pesquisa como, por exemplo, o enaltecimento do homem pacato das pequenas cidades e regiões rurais a quem ninguém dá ouvidos, mas que experimentaria a dimensão simples da verdade. Essa concepção parece se aproximar mais do populismo e da ideologia nazista do que do elitismo intelectual do Tradicionalismo, e visar, antes a mobilização popular em torno de ideias de complô, bandeiras ideológicas incendiárias e líderes extremistas - vide a atuação dos adeptos da QAnon, no episódio de invasão do Capitólio, nos EUA, em janeiro de 2021 - do que preocupação com questões metafísicas. Um paradoxo ao qual Bannon não foi confrontado diz respeito ao discurso anti-ciência e anti-



mídia que ele ostenta, e o manejo sofisticado de redes midiáticas digitais e de tecnologia de *big data* que ele utiliza no jogo político.

O início desse século é de incertezas econômicas, ambientais e de aceleradas transformações tecnológicas, como também o foi o do início do século XX. Mas essa incerteza é experimentada como desconforto difuso, embora angustiada. Já os bombardeios incessantes de polêmicas e descabros, de teorias da conspiração, de promoção do medo e da violência produz o insuportável, a exaustão. É quase como se a maneira de lidar com o caos promovido pelas ações desses personagens políticos, que emergiram no século XXI, tornasse a proposta destrutiva, implícita na perspectiva temporal dos Tradicionalistas, uma saída desesperada, uma “solução” disponível. Patologia social é o que tem sido promovido por esses senhores, acionando o imediatismo infantil diante do desamparo, e quase que ostentando como alternativas o “matar” (quem incomoda) ou deixar-se morrer, não se protegendo durante a pandemia, por exemplo.

Erick Felinto, num artigo em que examina as posturas, a trajetória, o discurso de Olavo de Carvalho, bem como o contexto em que ele ganha projeção, destaca dois aspectos que caracterizam o momento epistemológico em que nos encontramos, com as correspondentes ressonâncias sociais, políticas, culturais a que a ascensão do ideário Tradicionalista, parece expressão emblemática. Por um lado, a equivalência dos mais variados tipos de discursos na elaboração de imaginários que, dentre outras instâncias, a ágora cibernética dá a ver, na construção de mundos; por outro lado, as disputas em torno da tradição: à direita – com a afirmação de valores eternos e transcendentais; e à esquerda – com a afirmação das ancestralidades. O cenário deixa claro, que há um movimento de visita mais ou menos alvissareira e criativa ao passado, à tradição, na tentativa de lidar com as profundas e multifacetadas incertezas em que estamos lançados.

[...] particularmente no contexto da tecnocultura digital – existe uma arte da ficção que permite a forças do imaginário cristalizar-se em realidade. Para os membros da CCRU<sup>1</sup>, essa ‘engenharia da manifestação’ era uma forma de produzir futuros. [...] Assim sendo, o imaginário do neoconservadorismo e de Olavo de Carvalho estariam efetivamente produzindo um futuro. Mas um futuro que tem uma obsessiva saudade do passado, um futuro estruturado com base nas ideias de conservação e retorno. (2020, pag. 19)

A ascensão do Tradicionalismo nos defronta com o estágio avançado da decadência do sempre problemático e já combalido paradigma da modernidade, numa situação que é mais aguda do que a de uma crítica pura e simples dos valores que acompanham esse paradigma. A situação aponta para a necessidade de esforços de construção de novos paradigmas que garantam as conquistas já alcançadas, via experiências potentes de afirmação da pluralidade de desejos e da luta pela ampliação de direitos. Há que se inventar os novos instrumentos.

### Referências Bibliográficas:

EMPOLI, Giuliano Da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Ed. Vestígios, 2019.

FELINTO, Erick. “*Olavo tem razão*”: Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. In: XXIX Encontro Anual da Compós, Campo Grande, 2020.

[http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_SWKIFEZHP8PEV3NNVHFR\\_30\\_8225\\_01\\_03\\_2020\\_18\\_07\\_37.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_SWKIFEZHP8PEV3NNVHFR_30_8225_01_03_2020_18_07_37.pdf) acesso em 17/07/2021.

SEDWICK, Mark. *Contra o Mundo Moderno: Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela Eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

---

<sup>1</sup> CCRU – Ciberetic Culture Research Unit - Coletivo experimental de teóricos sobre cultura cibernética que atuou nos anos 1990 na Universidade de Warwick, na Inglaterra que em 2003 passou a ser dirigido por estudantes.